

**RAP DECOLONIAL:  
MINAS E MONAS NA CENA DO HIP-HOP BRASILEIRO**

DECOLONIAL RAP:  
GALS AND GURLS IN THE BRAZILIAN HIP-HOP SCENE

RAP DECOLONIAL:  
NENAS Y MONAS EN LA ESCENA HIP HOP BRASILEÑA

*Rafael Saraiva<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho aborda uma nova conjuntura da cultura hip-hop no Brasil e as novas protagonistas desta transformação. Objetivamos aqui entender como esse processo tem se intensificado através dos conflitos sociais e políticos que atravessam a cena do hip-hop, influenciados por um pensamento decolonial de novas perspectivas da sociedade brasileira. Para isso, parto da análise de letras de rap de diferentes atrizes da cena do hip-hop brasileiro, pautado em autores que problematizam questões como raça, gênero e sexualidade. Por fim, concluo qual tem sido o impacto desta transformação para a atual cena.

**Palavras-chave:** hip-hop, colonialismo, machismo, LGBT+fobia, rap

**Abstract:** The present work addresses a new context around hip-hop culture in Brazil and the new protagonists of such transformation. We aim here to understand how this process has been intensified through the social and political conflicts that transverse the hip-hop scene, influenced by a decolonial thinking of new perspectives within Brazilian society. For this purpose, I start from analyzing rap lyrics by different actresses from the Brazilian hip-hop scene, based on authors who problematize issues such as race, gender and sexuality. Finally, I finish by concluding what impacts this transformation has generated on the current scene.

**Keywords:** hip-hop, colonialism, machismo, LGBTQI+fobia, rap

**Resumen:** El presente texto presenta una nueva coyuntura de la cultura hip hop en Brasil y los nuevos protagonistas de esta transformación. El objetivo del texto es comprender como este proceso se ha intensificado a través de conflictos internos en la escena del hip hop, influenciado por un pensamiento decolonial de nuevas perspectivas de la sociedad brasileña. Para eso, analizamos letras de rap de diferentes actores de la escena hip hop brasileña, basado en autores que problematizan cuestiones como la raza, el género y la sexualidad. Finalmente, concluyo cuál ha sido el impacto de esta transformación en la escena actual.

**Palabras-clave:** hip-hop, colonialismo, machismo, LGBTQI+fobia, rap

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - ESR/UFF

## INTRODUÇÃO

Este ensaio tem por objetivo trazer uma reflexão sobre as novas narrativas do atual movimento hip-hop brasileiro, pondo em pauta vivências e construções que perpassam essa nova cena de artistas e conseqüentemente refletem em suas letras. O rap brasileiro foi construído por muito tempo sobre a ótica do homem negro periférico, evidenciando as opressões e os atravessamentos do cotidiano destes. Entretanto, nos últimos anos, vozes que até então eram secundarizadas no rap vêm ganhando cada vez mais espaço e trazendo novas vivências sobre o cotidiano nas margens da sociedade. Como veremos neste trabalho, o rap brasileiro, que sempre foi um porta-voz do racismo estrutural e da luta de classe, atualmente tem atualizado seu pensamento decolonial<sup>2</sup> com pautas como a LGBT+fobia e o machismo, colocando novas atrizes como representantes do rap do século XXI.

**“Esse é o palco da história que por mim será contada: um homem na estrada.”  
(Racionais MC’s)**

Para situar a atualidade da cena Hip Hop é necessário retomar a construção histórica desse movimento cultural no Brasil. Como demonstra o autor Marcio Macedo (2016), esse movimento pode ser dividido em três fases de 1983 a 2013. Cada uma delas possui características políticas, sociais e estéticas específicas. A primeira delas com forte influência do Break, é identificada como “cultura de rua” tem início entre os últimos anos da ditadura militar, no período de 1983–1989. Esse período é dividido entre duas fases, na primeira delas os agentes e apreciadores das rodas se encontravam nas ruas e praças da capital de São paulo, já na segunda fase encontravam-se nas estações de metrô, onde os MC’s (mestres de cerimônia) e os b-boys demarcavam a ocupação do espaço com dança e música, sempre trajados com os elementos simbólicos da cultura como, tênis, calça jeans larga, bonés, e correntes (MACEDO, 2016, p 25).

Em 25 de janeiro de 1989, num show de rap no Parque do Ibirapuera, Milton Sales, agitador cultural e responsável pela fundação do grupo Racionais MC’s, fundaria o MH2O: Movimento HIP-Hop Organizado, imbuindo um aspecto político que alguns grupos de rap já explicitam através de letras engajadas que criticavam problemas como violência policial, racismo e pobreza. ( MACEDO, 2016, p.31)

2 Por sua vez, a expressão “decolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade indica exatamente o contrário e procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder. (BALLESTRIN, Luciana. 2015)

Influenciados pela segunda onda do rap norte-americano, o período de 1990-1996 segue a lógica de identidade de cultura negra, etapa onde os pontos de encontro se tornam as favelas e zonas periféricas da cidade. Se fortifica neste período a ideia de trabalhar os quatro elementos que compõem a cultura (rap, DJing, breakdance, graffiti), ao mesmo tempo em que estes locais de encontro também são usados para pensar ações políticas e sociais para suas comunidades. Além da expansão do mercado fonográfico, a cultura ganha visibilidade com o primeiro periódico lançado, com a parceria junto à prefeitura de São Paulo no projeto “Rap... Ensinando a Educação” e o canal da MTV Brasil, que fortifica e visibiliza o hip-hop na mídia com mais intensidade.

O momento também é marcado por chacinas como a Chacina do Carandiru (1992), a Chacina da Candelaria (1993), e a Chacina de Vigário Geral (1993) que explicitam cada vez mais aos agentes da cultura a necessidade de se debater política e sociedade nas bases do movimento. O reflexo da conjuntura periférica é explicitado nas letras de rap durante essa segunda fase, que tiveram e ainda têm grande importância na construção de uma memória coletiva social sobre os lados não hegemônicos da história de nosso país. Essas letras possuem caráter documental, construindo novas formas de propagação sobre a realidade das relações de sociabilidade no Brasil.

A terceira e última fase desse período tem seu marco na metade da década de 1990 até 2013, etapa na qual a estética e a identidade do movimento deslocaria sua centralidade para o debate de classe, expandindo a ideia de perfil dos agentes da cena hip-hop, que antes se centrava na figura do homem negro. (MACEDO, 2016.). Apesar de toda importância histórica do debate feito pelo movimento hip-hop e do cunho político, inúmeras letras trazem o reflexo do machismo e patriarcado estrutural que perpassa os atores da cena. Tendo isso em vista, a proposta deste ensaio é evidenciar atravessamentos, como a construção colonizadora de masculinidade que perpassa esses indivíduos e consequentemente se evidencia em suas obras.

## **RAP TÃO PLURAL QUANTO BRASIL.**

Algumas das letras utilizadas para análise deste ensaio fizeram parte da minha infância e adolescência assim como de milhares de outros jovens brasileiros, foram escolhidas como amostra do primeiro grupo, as letras de rap com maior divulgação e conhecimento popular das primeiras décadas da cultura no Brasil. Ao analisar o discurso dessas letras, pautas

encontradas são; a busca por uma melhoria financeira para tornar a vida de suas parceiras melhores; a construção do homem ligado a um padrão estereotipado de “macho”; uma heterossexualidade bem definida e pulsante. Para a amostra do segundo grupo, foram escolhidas letras atuais, de artistas com grande visibilidade e também de artistas independentes. Nesta amostra procurei evidenciar letras escritas e interpretadas por mulheres e/ou pessoas LGBTQ+, foram analisadas nestas letras quais as vivências e relatos sociais eram recorrentes, alguns encontrados foram: a ocupação da cena hip-hop; opressão de gênero; opressão de sexualidade; desigualdades sociais; a valorização do seu lugar social.

No sexto capítulo do livro “Olhares negros, raça e representação”, a autora bell hooks (2019) aborda a questão da reconstrução de uma masculinidade negra, abordando o efeito da colonização, que age de forma a homogeneizar papéis de gênero e sexualidade sobre as famílias negras. Um ponto interessante trazido pela autora é a questão da reprodução de um sistema opressor e hierárquico que é embutido ao homem negro. Mesmo no discurso pela igualdade dos grandes líderes negros do século XIX, ainda aparecem elementos de subordinação do papel das mulheres. Ao analisar o discurso de Martin Delaney, hooks destaca:

Para ele, a igualdade de gênero era mais uma maneira de conseguir um envolvimento mais amplo na melhoria da raça do que uma forma das mulheres negras serem autônomas e independentes. Líderes negros como Martin Delaney e Frederick Douglas eram patriarcas, mas, como ditadores benevolentes, estavam dispostos a compartilhar poder com as mulheres, especialmente se isso significasse que não teriam que abrir mão de nenhum privilégio masculino. (HOOKS, Bell. 2019. P. 178)

Tanto nas letras quanto nos espaços de comunhão da cena não é difícil encontrar depoimentos, letras e atitudes que desqualificam os corpos e vivências de outras formas de vida, como é o caso da “bixa”. Utilizo desse termo exatamente pelo lugar de flutuação que ele tem na sociedade brasileira devido a sua *performace de gênero* (Butler, 2003). Sua presença, assim como a da mulher na cena do hip-hop atual, tem gerado um efeito de se repensar o rap do século XXI. Não por acaso, bandas como Racionais MC’s, uma das bandas mais prestigiadas, tanto na cena nacional quanto internacional desde 1990, tiraram de seu repertório músicas de conteúdo machista sobre a objetificação e o domínio sobre a mulher, como a canção “Estilo cachorro”: “Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher, quanto mais você tem muito mais você quer.” (Racionais MC’s, Estilo Cachorro, 2002). Neste mesmo sentido, o rapper Criollo, com uma carreira já consolidada, alterou a letra da música “Vasilhame” (2013): onde

originalmente dizia “Os traveco tão ali aaah; Alguém vai se iludi”, agora diz “Universo ta aí, aaah; Alguém vai se iludir” (2015).

A expansão da cultura marginal trouxe novos adeptos e abriu os horizontes para o debate de opressão feito pela Cultura Hip-Hop. Existe um limite, a partir da vivência do homem negro, no debate sobre desigualdades e injustiças sociais que silencia e naturaliza outras formas de opressão que estão para além da luta do homem negro. As novas protagonistas da cena do hip hop brasileiro mostram novas percepções sobre pautas como o racismo e a luta de classe, mas também ultrapassam essas barreiras travando uma luta que é externa e ao mesmo tempo interna no cenário hip hop.

*E o que tu ainda tá olhando? só se diverte com as pretas e acha que tá passando? 500 anos de preju, não, não, não é engano. Não foi e não é, enquanto eu tiver voz não tem vez pra racista, não na minha frente, não na minha frente, feche os olhos se for olhar de forma negativa aqui quem fala é mais uma sobrevivente.*

*(NegaNativa. Tá olhando o que?. 2019)*

NegaNativa é uma mulher negra, artista independente, moradora da zona oeste da capital carioca e fruto de uma recente geração de jovens periféricos a ingressar em uma universidade pública. O trecho de seu rap evidencia uma narrativa em expansão na cena do hip-hop nacional, em referência a música "Capítulo 4 versículo 3", a artista reescreve, ou melhor dizendo, acrescenta à bíblia do rap nacional (álbum “Sobrevivendo ao Inferno” Racionais MC’s 1997), a visão de mundo de uma mulher negra em uma sociedade que reitera uma lógica de opressão. Por sua descrição densa da realidade periférica na sua conjuntura, o álbum de 1997 tem um peso documental na história de nossa nação. Reafirma sua importância em 2019, sendo o primeiro disco a entrar para a lista de obras literárias no vestibular da Unicamp (JULIÃO. 2018); e em 2015 foi presente do então prefeito da cidade de São Paulo Fernando Haddad ao Papa Francisco (Catraca livre 2015).

O que essas “minas” e “monas” como NegaNativa e tantas outras do hip-hop nacional acrescentam à cena são suas perspectivas e vivências, que quando expressadas em suas músicas, graffitis, sets e danças, apresentam ao público novas perspectivas de sociedade. Assim, como a história das transformações do hip-hop estão ligadas a um contexto social e histórico, a emergência dessas novas atrizes tem relação com lutas políticas e sociais contemporâneas, como a luta feminista, e em particular do feminismo negro, assim como a

luta por direitos LGBTQI+. Um dos pontos necessários para entender o movimento destas transformações foi o diálogo do governo com os movimentos sociais durante o mandato do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003-2011) que resultou na construção de políticas públicas de acesso, direito e inclusão desses atores (FACCHINI, 2017).

Como nos mostra a autora Lélia Gonzáles (1984), a colonização teve efeitos racistas e sexistas onde a mulher negra foi infantilizada, no sentido de não ter uma fala própria e ser sempre falada pelo outro, o “adulto” capaz de falar. Seguindo o pensamento de González, a autora Djamila Ribeiro (2018) trabalha o conceito do lugar de fala, que compõe o exercício de olhar a posição do sujeito na sociedade a partir de sua narrativa. Para que a emersão dessas novas atrizes seja brevemente contextualizada é preciso suscitar a polarização social e política que compõe os últimos anos da história de nosso país.

Assim como NegaNativa, milhares de outros jovens tiveram acesso ao ensino público e privado através de políticas públicas de acesso à educação intensificadas nos governos PTistas. Fanon (2006) afirma que o pensamento colonizador constrói a perspectiva com que o colonizado olha para a sociedade que o rodeia (FANON. 2006. P.26). Na introdução do livro “*Pele negra, máscaras brancas*”, o autor argumenta sobre a zona de não ser do homem de cor, o lugar que foge a um padrão normativo do conceito que a sociedade tem do que é ser um homem. Este local de opressão é “árido” e ainda assim fértil, pois é o lugar onde nasce um “autêntico ressurgimento” (Franz Fanon. “*Pele negra, máscaras brancas*” p26. 2008).

No contexto do rap brasileiro do século XXI, vemos as minas e as monas ocupando até então esse “não-lugar”, esse atributo colonizador do outro sobre nós. Fanon continua falando das “*aberrações afetivas*” que moldam esse não-lugar, essa estrutura que molda as relações de pretensos senhores e colonizados: “O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio” (FRANZ, 2008). Neste “si próprio” ao qual se refere o autor, podemos entender, no contexto atual na cena do hip hop brasileiro, essas novas atrizes criando uma tomada de controle dos próprios corpos, desejos e olhares sobre o mundo. Observa-se uma forma autônoma e orgânica de se entender, mesmo que na zona de conflito de uma sociedade patriarcal, racista, machista, misógina e LGBT+fóbica, que mantém relações baseadas no colonialismo conservado nas estruturas destas opressões.

Bel Hooks se refere a estes homens negros e autônomos, que buscaram modos de viver alternativos, como os que “inventaram-se a si”. Vale ressaltar a potência que ambos os autores trazem para esse pensamento decolonizador. Estes “*corpos estranhos*”

(PASSARELLI, 2008) entendem que estão construindo uma nova cena do Hip-Hop nestes últimos anos, utilizando deste espaço para mostrar outra especificidade, outro ponto de vista da construção colonial dessa sociedade:

Embora admirasse meu pai, eu era mais fascinada e atraída pelos homens negros que não eram obcecados em ser patriarcas; Por Felix, um andarilho que pulava de um trem para outro, que nunca trabalhou num emprego regular, que não tinha um polegar; por Kid, que vivia no mato e caçava coelhos e guaxinis que acabavam na nossa mesa; por Papai Gus, que falava sussurrando e compartilhava sua percepção de um misticismo espiritual. Estes eram homens que tocavam meu coração. A lista poderia continuar. Eu me lembro deles porque adoravam as pessoas, especialmente mulheres e crianças. Eram carinhosos e generosos. eram homens negros que escolheram estilos de vida alternativos, que questionaram o status quo, que se esquivavam do modelo da identidade patriarcal e inventaram a si mesmos. Por conhece-los, nunca me senti tentada a ignorar a complexidade da experiência e da identidade do homem negro. (HOOKS, 2019 p.172-173)

Entendendo o *lugar de fala*, segundo o conceito de RIBEIRO (2018), o sujeito fala a partir da perspectiva construída por sua posição social, o que torna todo corpo político. Esse processo de entendimento tem sido fundamental para a profundidade do debate feito a respeito das estruturas opressivas desta sociedade. Essas novas vozes do hip-hop, como o grupo Quebrada Queer, Monna Brutal, Linn da Quebrada, Jotta Robson, Rimas e melodias, Dj Mina Simone, NegaNativa, o grupo de graffiti Teta Atoa, dentre tantas outras, vêm subvertendo essas estruturas e trazendo novos olhares sobre masculinidades, feminilidades, gênero e sexo. A partir desses novos discursos, as representações do imaginário social ganham novas possibilidades, que de forma orgânica vão adubando o solo do hip hop brasileiro para o surgimento de cada vez mais vozes marginalizadas. Através da presença dessas minas e monas na construção de espaços, como as batalhas de rima e poesia, outras perspectivas sobre a estrutura opressiva da sociedade brasileira são evidenciadas. E consequentemente, outra forma de propagar a cultura hio-hop.

Essas novas atrizes, as mulheres conhecidas na cena como “minas”, e os LBTQI+, conhecidos algumas vezes por “monas”, ao trazerem suas percepções para o hip-hop brasileiro, trazem também novos ouvintes e adeptos para a cultura. Quando esses novos atores pautam em suas letras relações abusivas, violência doméstica, desigualdade de gênero e sexualidade, entre tantas outras vivências, passam a disputar o imaginário da sociedade brasileira rompendo com um ciclo de silenciamento dessas opressões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da construção de sujeito dentro de estruturas hierárquicas de relação de poder, é necessário estar atento às especificidades que cada questão trará. Evidencia-se, ainda que de modo rudimentar, a potência na posse deste lugar de “donos de si”, sobre uma ótica decolonial. Deste ato de entendimento do seu lugar no mundo, origina-se um novo lugar no discurso ou na fala. A organicidade deste movimento é o que vem regando o solo de onde surgem esses novos pensamentos, percepções e intervenções da realidade social. Por fim, deixo provocações sobre o processo contínuo de mudança do debate sobre representações no contexto brasileiro, e como esse ciclo tem acontecido através do Rap nacional. Outros pontos podem ser trabalhados em pesquisas futuras como o impacto tecnológico e a cena independente na cultura brasileira, junto d a análise atenta de cada segmento dentro da cultura separadamente: graffiti, rap, break, e DJ.

## REFERÊNCIAS

A maioria das letras de músicas apresentadas neste trabalho estavam disponíveis em: <https://www.vagalume.com.br> data: 04/08/2019 às 15:39.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: **Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2018.

FACCHINI, Regina, and Julian Rodrigues. **Que onda é essa?:**“guerras culturais” e movimento LGBT no cenário brasileiro contemporâneo. Entre as ruas e as políticas públicas. Porto Alegre: Editora Rede Unida/Nuances (2017).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. **Olhares negros raça e representação**. Editora Elefante. 2019.

JULIÃO, Luanda. “Sobrevivendo no Inferno é uma aula de história, política, racismo e luta por direitos.” Diário do centro do mundo. disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/sobrevivendo-no-inferno-e-uma-aula-de-historia-politica-racismo-e-luta-por-direitos-por-luanda-juliao/> . data 08/12/2020 às 13:31. 2018.

REDAÇÃO. “Prefeitura de São Paulo presenteia Papa Francisco com disco “Sobrevivendo no Inferno” do Racionais MC’s.” *Catraca Livre*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/prefeitura-de-sao-paulo-presenteia-papa-francisco-com-disco-sobrevivendo-no-inferno-do-racionais-mcs/> data 08/12/2020 às 13:35. 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.



PASSARELI, Matheusa. “Corpo estranho e outros.” *Arte & Sexualidade*. Disponível em: <https://sxpolitics.org/ptbr/corpo-estranho-por-matheusa-passareli/8349> data: 09/07/2019 às 20hrs.

MACEDO, Marcio. Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). **Pluralidade Urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, Marginalidade, Ativismos**. São Paulo. v. 34, p. 23-54, 2016.

RACIONAIS, MCs; URBANO, Holocausto. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.